Júlio Goulão

OS ARIETINOS
NO DISTRITO DE CASTELO-BRANCO

1922

305

Os Arietinos no Distrito de Castelo-Branco

ESCOLA SUPERIOR DE MEDICINA VETERINARIA

Os Arietinos no Distrito de Castelo-Branco

Tout fleurit dans une situation agricole
oú fleurit l'industrie du bétail.

Lecouteux

TÉSE DE DOUTORAMENTO

DE

JULIO GOULÃO

1922

1922
TIPOGRAFIA MAURICIO
Rua do Salitre, 102-A
LISBOA

ESCOLA SUPERIOR DE MEDICINA VETERINARIA

Director— Dr. José Antunes Pinto
Secretário —Dr. Julio Teotonio Pimenta Rodrigues

CADEIRAS

1.ª—Anatomia descritiva comparada dos animais domésticos	Dr. Antonio Correia da Silva Rosa
2.ª—Histologia normal e anatomia patológica comparada	Dr. José Antunes Pinto
3.ª—Fisiologia geral e especial comparadas	Dr. Idalino Rodrigues Gondim
4.ª—Bacteriologia geral. Higiene dos animais domésticos	Dr. Miguel Augusto Reis Martins
5.ª—Farmacologia e terapêutica dos animais domésticos	Dr. Goodofredo da Silva Santos
6.ª—Patologia externa. Obstetricia Podologia	Dr. Manoel Fernandes Marques
7.ª—Patologia interna	Dr. João Viegas de Paula Nogueira
8.ª—Zootécnia. Economia rural	Dr. José Miranda do Vale
9.ª—Patologia das doenças contagiosas. Policia sanitária. Deontologia Medicina legal. Inspecção sanitária dos animais de talho	Dr. João Viegas Paula Nogueira
10.ª—Patologia exótica. Higiene colonial	Dr. Ildefonso Borges

CURSOS

1.º—Anatomia topografica embriologia e teratologia	Dr Manoel Fernandes Marques
2.º—Fisica biologica e médica. Microscopia	Dr. Idalino Rodrigues Gondim
3.º—Quimica biologica e médica. Analise quimica e toxicológica	Dr, » » »
4.º—Patologia geral comparada. Historia da medicina	Dr. Miguel Augusto Reis Martins
5.º—Estudo especial das plantas medicinais e forraginosas	Dr. Goodofredo da Silva Santos
6.º—Propedêutica cirurgica. Medicina operatoria	Dr. Manoel Fernandes Marques
7.º—Propedêutica medica	Dr. Antonio B. Teixeira de Lencastre
8.º—Exterior dos animais domésticos	Dr. José Miranda do Vale
9.º—Zoologia e parasitologia	Dr. Ildefonso Borges
10.º—Clinica médica do Banco	Dr. Antonio B. Teixeira de Lencastre
11.º—Clinica cirurgica do Banco	Dr. Manoel Fernandes Marques

CLINICAS:

Médica. Autopsias	Dr. Antonio B. Teixeira de Lencastre
Cirurgica	Dr. Manoel Fernandes Marques
Doenças contagiosas	Dr. João Viegas de Paula Nogueira

Artigo 60.º— A Escola não se responsabiliza nem pelas doutrinas nem pelos trabalhos relatados nesta tése.

A meu Pai

A minha Mãe

A meus Irmãos

O presente trabalho, último do nosso curso, é simples e despretencioso. Representa o cumprimento dum preceito da lei organica desta Escola.

E' esta tése marcadamente regional. Nela procuramos dar aos nossos conterrâneos noções que, embora breves, todavia julgamos úteis.

Interessou-nos sempre e muito o fomento agricola nacional e mui principalmente o ramo da Zootécnia.

Eis as razões da escolha do assunto do nosso trabalho.

Do douto júri esperamos que ele seja acolhido com benevolência podendo desde já afirmar-lhe a disposição em que nos encontramos de continuar trabalhando.

Da deficiencia e incerteza dos dados estatísticos não nos cabe responsabilidade.

A todos quantos nos auxiliaram aqui deixamos consignado o nosso profundo reconhecimento.

O distrito de Castelo-Branco

Na região chamada Beira meridional, ao sul da serra da Estrela que a separa da Beira Central, ocupando a parte mais montanhosa das bacias do Tejo e Zezere, entre 39º, 30′ e 40º, 26′ de latitude N. e 0º,50′, 30″ e 2º 16′, 20″ de longitude Oriental de Lisboa, fica situado o distrito de Castelo-Branco.

Com a superficie de 6.688^{k},20, confina: ao Norte, com o distrito da Guarda, ao Sul, com os distritos de Santarem, Portalegre e reino de Espanha, ao Ocidente, com os distritos de Coimbra, Leiria e Santarem, e ao Oriente com Espanha.

E', em superficie, um dos maiores distritos do nosso país, pois ocupa o quarto lugar, sendo lamentável que ocupe o terceiro em percentagem de terrenos incultos.

Atendendo ao seu clima, á naturesa do seu solo e das suas culturas, dividimos o distrito de Castelo-Branco em três regiões; *Cova da Beira—Raia—Charneca.*

Cova da Beira

Incluo nesta região os concelhos de Belmonte, Fundão, Covilhã e parte norte do de Penamacor.

Situada ao norte do distrito, ocupando as margens do Zezere e Meimôa, seu principal afluente, entre as serras da Estrela e Guardunha, é a região privilegiada da Beira.

Os seus terrenos são constituidos por aluviões graniticas vindas dos macissos montanhosos acima mencionados.

Região fértil e abundantissima em aguas, é cortada em

todas as direcções por centenas de pequenos ribeiros que, vindos da Serra, afluem ao Zezere.

O seu clima é ameno, pois que abrigada das nortadas frias pela Estrela, a Guardunha impede o acesso aos ventos quentes e secos do Sul.

A cultura é extensa e variada. Alêm das grandes culturas de árvores de fruto, dos melhores e mais afamados do nosso país, vemos florescer em toda a extensão das margens do Zezere e da Meimôa, que medem de Belmonte ao Ourondo 36^{k} com a largura de 17^{k} entre o Alcaide e a Covilhã, exuberantes milharais.

A horticultura muito desenvolvida, sendo uma região que contribue, em grande parte, para o abastecimento de batata e feijão dos nossos mercados. A vinha é tambem cultivada em grande escala, principalmente em Val-de-Prazeres, Caría e Alpedrinha, e menos, ainda que bastante, nas terras compreendidas entre Penamacor, Penha-Garcia e Idanha-a-Velha para E. e para o S. entre a Soalheira e a Lardosa.

Nas encostas encontra-se a oliveira, o pinheiro, o carvalho, e os belissimos soutos de castanheiros.

Raia

Menos protegida pela natureza, é ainda uma região cultivada.

Incluimos nela os concelhos de Castelo-Branco, Idanha-a-Nova, Vila Velha de Rodam e a parte restante do concelho de Penamacor.

São constituidas as suas terras, em parte, por uma faxa granítica que, vinda das Beiras Transmontana e Central, passando entre a Serra do Catrão e Penamacor, se estende nos campos de Idanha-a-Nova e Castelo Branco. Na outra parte, principalmente no concelho de Vila Velha de Rodam, junto das Sarnadas e ao S. da Ocresa, encontram-se os terrenos schistosos, mas com os schistos muito alterados, finos e macios, produsindo um solo fecundo e fértil.

E' a região de transição entre a Beira e o Alentejo.

Com muito menos abundancia de aguas que a região anterior,

lavada pelos ventos quentes que o Alentejo nos manda, tendo só por S. W difícil acesso os ventos do mar, o seu clima é excessivamente quente no verão, com frios rigorosos no inverno.

As suas culturas principais são o trigo, centeio, cevada, aveia e, nas terras baixas, algum milho. Grandes e produtivos olivais—a sua maior riqueza—e nos terrenos marginaes do Ponsul grandes extensões de montados de asinheira e sobreira, sendo, no entanto, a primeira que predomina.

Charneca

A terceira região, a mais pobre, é, infelizmente, a maior em extensão.

Abrange os concelhos de Proença-a-Nova, Certã, Vila de Rei e Oleiros. Constituida por schistos, pobres em azote e cal, elementos indispensáveis à vida das plantas, só de nove em nove anos estas terras podem dar uma magra colheita de centeio, ficando nos outros anos cobertas de extensos matagais.

E' bastante montanhosa, formando córregos mais ou menos profundos, por onde no inverno se despenham as enxurradas, mas que ficam no verão completamente a sêco.

E' a região menos cultivada de toda a Beira, a mais pobre e a mais sêca.

Alêm do retalho cultivado da Sertã e Oleiros, retalho muito arborisado e onde se cultiva já bastante a vinha, o milho, alguns pomares e a oliveira, tornando esta parte da região bastante rica, sómente nas proximidades das povoações a cultura é mais desenvolvida, porque nela empregam os seus habitantes, toda a quantidade de adubos que podem obter.

Estatistica

Depois da guerra e mesmo já durante ela, a nossa moeda tem continuamente sofrido uma depreciação no seu valor. Esta depreciação colocou os espanhoes compradores de gado, em condições de, melhor que os portugueses, bem pagarem os nossos gados. Num distrito fronteiriço, onde a saida clandestina do gado se efetua com uma relativa facilidade, onde, já antes da guerra, os compradores espanhois o vinham procurar, esta saída ía tomando tais proporções que concorria, grandemente, para o agravamento da crise da falta de carne que vamos atravessando. Generalisada simultaneamente por todo o país esta saída, mandou o Governo, para obstar a ela, proceder, por intermedio das autoridades administrativas, ao arrolamento das especies comestiveis.

Os numeros que apresentamos foram colhidos então, isto é, no ultimo semestre de 1920, e foram-nos cedidos pelo Exmo Sr. Dr. Marques de Carvalho, ilustre intendente de pecuaria, para quem vão os nossos agradecimentos.

Estou convencido que estes numeros, ainda que se aproximem, estão um pouco longe da verdade, pois que o nosso lavrador, quando se lhe pede numeros da existencia da sua riquesa, temendo um novo aumento de impostos, e poucos não têm sido infelizmente, dá sempre um numero menor do que aquele que rialmente possue. Cremos não errar, se ao numero que as autoridades administrativas obtiveram, aumentar-mos 8 % para que assim nos aproximemos mais da verdade.

Registados, em fins de 1920, possuia o distrito 310:628 cabeças naturais arietinas, cuja distribuição pelos concelhos e freguesias, era a indicada pelo quadro que se segue.

Concelhos e freguesias	Número de cabeças			
	Carneiros	Ovelhas	Cordeiros e malatos	TOTAL
Castelo-Branco:				
Castelo-Branco	1:195	10:163	3:899	15:257
Alcains	137	7:805	3:910	11:852
Almaceda	20	342	333	695
Bemquerenças	31	470	337	838
Cebolaes de Cima	121	66	102	289
Escalos de Baixo	80	2:523	1:116	3:719
Escalos de Cima	50	1:455	689	2:194
Freixial do Campo	30	291	294	615
Lardoza	68	3:704	833	4:605
Louriçal do Campo	67	1:126	405	1:598
Louza	213	2:026	907	3:146
Malpica do Tejo	340	2:928	510	3:778
Mata	195	2:094	617	2:906
Monforte da Beira	860	4:466	2:955	8:281
Povoa de Rio de Moinhos	20	1:655	1:162	2:837
Retaxo		658	237	895
Salgueiro	53	540	283	876
S. Vicente da Beira	29	488	132	649
Sarzedas	154	3 631	1:595	5:380
Sobral do Campo	30	842	492	1:364
Tinalhas	60	798	624	1:482
Soma	**3:756**	**48:071**	**21:432**	**73:259**
Idanha-a-Nova:				
Alcafoses	1:119	3:097	1:936	6:152
Aldeia de Santa Margarida	69	1:978	668	2:715
Idanha-a-Nova	848	14:930	7:830	23:608
Ladoeiro	296	2:818	1:821	4:935
Medelim	318	3:066	1:641	5:025
Monsanto	463	5:792	2:499	8:754
Oledo	141	3:808	1:893	5:842
Penha Garcia	51	585	218	854
Proença-a-Velha	68	3:069	1:523	4:660
Rosmaninhal	2:764	13:637	6:313	22:714
Salvaterra do Extremo	664	4:240	3:232	8:136
S. Miguel d'Acha	226	3:591	2:387	6:204
Segura	637	3:331	1:172	5:140
Zebreira	853	9:067	5:126	15:046
Soma	**8:517**	**73:009**	**38:259**	**119:785**

Concelhos e freguesias	Número de cabeças			
	Carneiros	Ovelhas	Cordeiros e malatos	TOTAL
Penamacor:				
Penamacor	417	3·458	1:951	5:826
Meimão	41	220	162	423
Aguas	123	1:087	790	2:000
Aranhas	183	1:947	1:021	3:151
Aldeia do Bispo	42	896	541	1:479
Bemquerença	247	1:197	730	2:174
Bemposta	59	481	274	814
Vale de Lobo	51	249	175	475
Salvador	43	206	156	405
Aldeia de João Pires	24	401	379	804
Meimôa	7	204	152	363
Pedrogam	49	1:944	1:915	3:908
Soma	**1:286**	**12:290**	**8:246**	**21:812**
Vila Velha de Rodam				
Vila Velha de Rodam	498	1:917	255	2:670
Sarnadas	87	687	324	1:098
Fratel	56	1:083	269	1:408
Alfrivida	234	1:595	537	2:366
Soma	**875**	**5:282**	**1:385**	**7:542**
Covilhã:				
Aldeia de Carvalho	14	221	183	418
Aldeia de Mato	29	765	178	972
Aldeia de Souto	27	619	147	793
Barco	50	381	262	693
Boidobra	51	1:074	262	1:387
Bodelhão				
Casegas	9	79	19	107
Cebola	7	39	13	59
Cortes	42	114	60	216
Dominguizo	6	380		386
Erada	49	148	52	249
A transportar	**284**	**3:820**	**1:176**	**5:280**

Concelhos e freguesias	Número de cabeças			
	Carneiros	Ovelhas	Cordeiros e malatos	TOTAL
Transporte	**284**	**3:820**	**1:176**	**5 280**
Ferro	63	1:357	170	1:590
Orgais	82	1:804	607	2:493
Ourondo	12	235	94	441
Paúl	15	240	114	369
Peraboa	162	1:746	858	2:766
Pezo	32	272	161	465
Sarzedo		118	82	200
Sobral	12	92	32	136
Teixozo	132	1:876	637	2:645
Tortozendo		2		2
Unhaes	60	325	159	544
Verdelhos	17	164	94	275
Covilhã: Santa Maria	27	2	7	36
Covilhã: S. Martinho	13	11	17	41
Covilhã: Conceição	36	657	12	705
Covilhã: S. Pedro	6	169	110	285
Soma	**953**	**12:790**	**4:430**	**18:173**
Fundão:				
Alcaide	17	468	223	708
Alcaria	6	446	210	662
Alcongosta	6	111	93	210
Aldeia de Joanes	36	523	182	741
Aldeia Nova do Cabo		122	54	176
Alpedrinha	9	102	95	206
Atalaia do Campo	55	1:548	482	2:085
Barroca	6	151	93	250
Bogas de Baixo		137	68	205
Bogas de Cima				
Capinha	115	1:257		1:372
Castelejo	24	658	306	988
Castelo Novo	253	1:447	82	1:782
Escarigo	65	130	169	364
Fatela	11	1:247	245	1:503
Fundão	31	1:162	42	1:235
Janeiro de Cima	6	120	32	158
A transportar	**690**	**9:329**	**2:376**	**12:645**

Concelhos e freguesias	Número de cabeças			
	Carneiros	Ovelhas	Cordeiros e malatos	TOTAL
Transporte	**690**	**9:329**	**2:376**	**12:645**
Lavacolhos	11	93	31	135
Orca	139	3:650	810	4:599
Peroviseu	2	103	37	142
Povoa da Atalaia	12	340	123	475
Salgueiro	350	2:104	1:105	3:559
Silvares	3	162	40	205
Soalheira	43	1:548	364	1:955
Souto da Caza	26	312	109	447
Telhado	4	399	153	556
Vale de Praseres	24	1:136	130	1:290
Valverde	59	789	130	978
Donas	85	228	110	423
Soma	**1:448**	**20:393**	**5518**	**27:359**
Belmonte:				
Inguias	97	1:254	244	1:595
Caria	471	3:037	925	4:433
Maçainhas	4	52	20	76
Gaia (Belmonte)	2	152	102	256
Colmial (Belmonte)	77	2:191	453	2:721
Soma	**651**	**6:686**	**1:744**	**9:081**
Proença-a-Nova:				
Peral		15	5	20
Proença-a-Nova	163	1:554	439	2:156
S. Pedro do Esteval	149	957	423	1:529
Sobreira Formoza	711	3:074	426	4:211
Soma	**1:023**	**5:600**	**1:293**	**7:916**
Sertã:				
Cabeçudo	45	929	456	1:430
Carvalhal	68	797	349	1:214
Castelo	58	1:570	788	2:416
Sertã	272	3:388	981	4:641
A transportar	**443**	**6:684**	**2:574**	**9:701**

Concelhos e freguesias	Número de cabeças			
	Carneiros	Ovelhas	Cordeiros e malatos	TOTAL
Transporte	**443**	**6:684**	**2:574**	**9:701**
Cumeada	1	110	41	152
Ermida	3	653	277	933
Figueiredo	97	358	163	618
Marmeleiro	16	177	43	236
Nesperal	31	316	134	481
Palhais	94	712	186	992
Pedrogam Pequeno	102	846	345	1:293
Sernache de Bomjardim	168	1:919	896	2:983
Troviscal	81	420	95	596
Varsea	112	770	296	1:178
Soma	**1:148**	**12:965**	**5:040**	**19:153**
Oleiros:				
Alvaro	114	830	402	1:346
Amieira		214		214
Cambas	27	257	83	367
Estreito		648	312	960
Isna	33	230	102	365
Madeirã	12	68	34	114
Mosteiro	160	418	173	751
Oleiros	84	451	209	744
Orvalho	4	35	20	59
Sarnadas	6	249	145	400
Sobral	20	131	51	202
Vilar Barroco		8	3	11
Soma	**1:160**	**3:539**	**1:534**	**6:233**
Vila de Rei:				
Trindade	11	477	199	687
Pezo		74	34	108
Vila de Rei	11	218	111	340
Soma	**22**	**769**	**344**	**1:135**

Aumentada a soma com os 8% que calculamos prefás o total de 335:478 cabeças.

Atendendo ainda a que êstes números foram colhidos numa época anormal, pois que desde 1915, em virtude do preço que o gado atingiu, a nossa pecuária sofreu uma grande redução, redução que podemos computar em 12%, a existência rial da população arietina distrital deverá ser em época normal de 375:735.

Se compararmos êste número com o que nos dá o nosso tão velho e unico «Recenseamento Geral de Gados de 1870», notamos um acrescimo de 202:283 o que corresponde a 4:045 animaes por ano. No mesmo Recenseamento se dá como valor de cada animal $50.8 o que para o numero existente então, atinge 88:198$82 escudos.

E' hoje dificil diser por quanto se vende cada animal, pois que o preço dos mercados oscila constantemente e ás veses oscilações demasiado rapidas.

No entanto, cremos que em média se teem vendido entre 15$00 a 20$00 escudos, o que dá um valor total de 6.575:362$50 escudos. Só por si êste número é bastante explicito para que os nossos criadores olhem um pouco mais cuidadosamente o seu gado, o seu capital portanto, para que, beneficiando-o, êle lhe possa compensar êsses beneficios, dando-lhe um maior rendimento que é um maior juro do capital existente.

Cuidar-se como se deve dos arietinos não é coisa que êles não mereçam, pois que mesmo como são hoje criados e tratados avalia-se o seu rendimento em 30% e alguns que são melhor tratados e explorados não se afasta muito o seu rendimento de 50%, indicador que bem manifesta quanto vale serem melhorados êstes animais.

OVELHA [redacted]
Variedade Feltrosa

Distribuição — Classificação

Pertencem os arietinos do distrito a dois grupos—os *merinos* e os *bordaleiros*.

Os merinos que descendem diretamente do tronco africano *(ovis aries africana)* são aqui representados pela raça espanhola. Infelismente poucos merinos existem no distrito de Castelo-Branco.

Alguns conhecemos principalmente na região da Raia.

Visinhos de Espanha, alguns criadores, adquiriram no país de origem os seus rebanhos.

Na região da Cova da Beira, existe tambem, no concelho do Fundão, um rebanho bastante numeroso importado em 1918. Mais alguns poderão certamente haver, de que não temos conhecimento, mas que pelo seu número redusido, pouco representam em relação com uma grande massa arietina como é a existente no distrito.

O segundo grupo, os bordaleiros, mestiços descendentes do tronco africano × tronco ibérico *(ovis aries ibérica)* são representados por tres variedades: *Comum—Feltrosa—Churra.*

Comforme a maior ou menor quantidade de sangue pertencendo ao tronco ibérico assim os individuos pertencem a uma ou outra variedade.

Aqueles arietinos em que predomina na sua ascendencia individuos pertencendo ao tronco africano, serão os da variedade *Comum.* Aqueles em que esta percentagem de sangue é menor, serão os *Feltrosos.*

E aqueles outros em que a predominancia de sangue é a dos individuos pertencentes ao tronco ibérico, serão os da variedade *Churra.*

Estas diferentes variedades distribuem-se irregularmente por todo o distrito.

No emtanto, ha predominancia da variedade comum na região da Raia e na parte da Cova da Beira que com esta confina.

A variedade feltrosa encontra-se mais na região compreendida entre Alpedrinha e Alcains, região conhecida no distrito pela Região do Campo.

A variedade churra encontra-se em toda a charneca e um ou outro rebanho nas duas outras regiões consideradas.

Segundo os processos de classificação, seguidos pelos diferentes autores os troncos a que pertencem êstes arietinos diferenciam-se :

Tronco Africano

Método de Magne — Raça de lã entre fina ou fina.
Método de Sanson — Raça dolicocéfala
Método de Baron { éterometria — R. elipometrica
aloidismo — R. de perfil concavo
anamorfose — R. Mediolinea

Tronco Ibérico

Método de Magne — Raça de lã grosseira
Método de Sanson — Raça dolicocéfala
Método de Baron { éterometria — R. elipometrica
aloidismo R. de perfil convexo
anamorfose — R. Mediolinea.

Cada um dos grupos em que dividi a população arietina diferencia-se pelos caracteres seguintes:

Merinos

Altura oscilando entre $0^m,60$ a $0^m,70$ Esqueleto forte e bem musculado. O vélo, de côr branca, formado de madeixas tochadas, é constituido por fêveras finas, compridas, frisadas e untuosas.

Cabeça de tamanho médio, deslanada nos labios, chanfro e parte da face.

Os cornos de côr clara, grossos, compridos, enrolados em espiral, terminando em pontas achatadas, têm um sulco profundo no bordo superior e são estriados transversalmente.

Nuca larga. Fronte comprida e concava. Olhos pequenos e mortiços. Arcadas orbitárias pouco salientes. Chanfro quasi recto e desprovido de pregas transversaes. Face comprida. Nasaes reunidos em aboboda circular sem sutura com os maxilares. Fossa lacrimal pouco profunda. Bôca rasgada. Labios grossos. Pescoço curto, bem musculado e de barbela reduzida. Peito largo. Agulha, dorso e lombos largos. Garupa descaida. Cauda comprida. Membros compridos, bem musculados, de articulações fortes e cobertos de lã principalmente os posteriores. Unhas fortes. Mamas bem desenvolvidas.

Bordaleiros

Mestiços *merino × ibérico* não apresentam fixidez de caractéres, pois que, segundo se aproximam de um ou de outro tronco, tambem os seus caractéres acompanham esta aproximação. No entanto apresentaremos alguns dos mais gerais.

Estatura oscilando entre $0^m,52$ a $0^m,70$. Esqueleto desenvolvido e regularmente musculado.

Vélo de côr branca, preta ou castanho, *(surrubeco)* composto de madeixas compactas, cujas fêveras finas, macias, frisadas e untuosas se assemelham á lã merina *(variedade comum)* quer de madeixas ponteagudas com fêveras de duas qualidades: umas compridas, grossas, ásperas e lisas e outras mais finas, onduladas e emaranhando-se na base das primeiras *(variedade feltrosa)*. Outras em que o velo é sómente constituido por fêveras compridas, grossas, ásperas e lisas (pelos cabrios), *(variedade churra)*.

Cabeça pequena, coberta de lã sómente na região craneana. Orelhas compridas, mais ou menos grossas e pendentes segundo as variedades. Fronte comprida e plana. Os cornos frequentes nos machos, muito raros nas femeas, tomam a côr do velo. Muito de-

senvolvidos, dirigem-se para trás e para fóra em espiral, terminando em pontas aguçadas e dirigidas para fóra e para baixo.

Arcadas orbitárias pouco salientes. Olhos pequenos e pouco vivos. Chanfro convexo, sub-convexo ou recto. Nasais reunidos em abóboda circular ou em ogiva. Face comprida. Angulo facial obtuso. Fossa lacrimal medianamente profunda. Bôca rasgada e de labios grossos. Pescoço comprido, sem ou com pouca barbela. Peito estreito. Agulha, dôrso e lombos pouco largos. Garupa derrubada. Cauda comprida. Membros altos, delgados e deslanados abaixo do joelho e curvilhão.

Mamas pouco ou regularmente desenvolvidas.

Vocações

Da comparação dos números atrás indicados, com os que nos fornecem as estatisticas que conhecemos e que representam as existencias de outras especies pecuárias, fácil nos foi concluir que os arietinos representam uma das principais, senão a principal, riqueza da lavoura regional. Sem especialisação de alguma das suas funções, são os arietinos mantidos em todo o distrito em melhores ou peores condições, comforme o maior ou menor número de cuidados dos respectivos proprietarios, da maior ou menor abundancia de alimentação, pelas suas funções economicas: *eriopoiése*, função masculina ou produção de lã, *creatopoiése*, função neutra ou produção de carne. *galactopoiése,* função feminina ou produção de leite, e pela *copropoiése* ou produção de estrume.

Sómente na região da Charneca a galactopoiése é minima, pois que nem todos os criadores fabricam queijo, e a maioria dos que o fabricam é para consumo exclusivo das suas casas agricolas.

Passaremos em revista separadamente cada uma das quatro vocações·

Eriopoiése :

A' parte a dos poucos merinos que existem nas regiões já mencionadas, está longe de poder considerar-se uma boa lã, a dos arietinos do distrito de Castelo Branco.

No entanto, muito procurada é já a lã dos bordaleiros comuns das regiões da Raia e Cova da Beira, que se aproxima bastante da lã fornecida pelos merinos espanhois, isto em virtude da introdução de grande percentagem de sangue dêstes nos rebanhos.

Para que possamos ficar conhecendo o valor rial de algumas das melhores lãs do distrito, nós a custo de muito trabalho, procedemos á analise de quatro amostras, seguindo os processos modernos de apreciação, aqueles que nos dão com precisão o valor intrinseco de uma dada lã.

Apreciamos as caracteristicas que reputamos mais importantes, isto é, o comprimento, a resistencia, o diametro e a distensão. A determinação rigorosa destas caracteristicas, deverá servir de base a uma classificação moderna, que venha substituir as classificações até hoje adoptadas, que mui dificil e imperfeitamente nos dão a conhecer o valor das nossas lãs. E' uma classificação a fazer, por absolutamente necessaria. e que alguem que disponha do tempo necessario para efectivar, não a analise de quatro amostras, mas sim de muitas, o deverá fazer, pois prestará um relevante serviço á lavoura e industria nacionais. A seguir expomos os resultados dos nossos trabalhos.

Amostra n.º 1

Lã branca

(Bordaleiro comum × merino espanhol)

Comprimento — Encontramos para esta amostra valores do comprimento das suas fibras compreendidos entre os limites, minimo de 42 e maximo de 167 milimetros, dando uma media de 102 milimetros.

O maior numero de fibras teem comprimentos compreendidos entre 70 e 130 milimetros. Notamos tambem que 28 % teem comprimentos cujas diferenças não excedem 10 milimetros, e que 55 % teem cumprimentos superiores a 100 milimetros.

Diametro — Observamos nas fibras desta amostra o valor minimo de 1,07 e maximo de 2,94 centessimos de milimetro, com uma média de 2,22 centessimos de milimetro.

A maior percentagem de fios teem diametros compreendidos entre 2,20 e 2,50. Notamos tambem em diferentes observações

que fizemos no mesmo fio, diametros compreendidos entre 2,21 a 2,51.

Resistencia: — Os valores das resistencias variam entre o minimo de 35 e o maximo de 79 decigramas, com a media de 49 decigramas.

Observamos maior numero entre os valores de 38 e 62 decigramas.

Notamos que 62 % das fibras teem valores que não excedem 58 decigramas.

Distenção — A distenção das fibras desta amostra fica compreendida entre os limites minimos de 8 e o maximo de 16 sendo a média de 11,5 milimetros.

O maior numero de fibras teem distenções cujo valor não vae além de 14 milimetros

Amostra n.º 2

Lã branca

(Bordaleiro comum)

Comprimento: — As fibras desta amostra apresentam comprimentos que variam entre os limites minimos de 65 e o maximo de 176 milimetros, com uma média expressa por 118 milimetros.

O maior numero de fibras teem comprimentos compreendidos entre 85 e 131. Notamos tambem que 24 % das fibras teem comprimentos cuja diferença não excede 10 milimetros e que 72 % das fibras tem comprimentos superiores a 100 milimetros.

Diametro: — Observamos para esta amostra valores compreendidos entre os limites, minimo 1,46 e o maximo de 4,12 centessimos de milimetro, com a média de 3,01 centessimos de milimetro. A maior percentagem de fibras teem diametros compreendidos entre 2,59 e 3,61. Notamos tambem nas diferentes observações que fizemos, na mesma fibra, diametros compreendidos entre 2,40 a 2,96 centessimos de milimetro.

Resistencia:—Os valores das resistencias variam entre o minimo de 46 e o maximo de 212 decigramas, dando a média de 118 decigramas. Observamos maior percentagem entre os valores de 60 a 130 decigramas. Notamos que 62 % das fibras teem valores que não excedem 150 decigramas.

Distenção :—Encontramos valores compreendidos entre os limites, minimo de 6 e maximo de 17, sendo a media de 10,5 milimetros. O maior numero de fibras teem distenções que não vão alêm de 14 milimetros.

Amostra n.° 3

Lã preta

(Bordaleiro comum)

Comprimento :—Nas fibras desta amostra o comprimento varia entre os limites, minimo 67 e maximo de 159 milimetros, tendo a media o valor de 106 milimetros.

Notamos que a maior percentagem teem valores compreendidos entre 90 e 130 milimetros, que 32 % das fibras teem comprimentos cuja diferença não excede 10 milimetros e que 58 % das fibras teem comprimentos superiores a 100 milimetros.

Diametro :—Varia entre o limite minimo de 2,10 e maximo de 4,33 centessimos de milimetro, com a media de 2,98. A maior percentagem tem diametros compreendidos entre 2,50 e 3,50. Das observações feitas na mesma fibra notamos diametros compreendidos entre 2,18 e 2,38 centessimos de milimetro.

Resistencia :—Varia entre o valor minimo de 62 e o maximo de 206, tendo a media de 126 decigramas. Observamos maior numero de fibras com valores compreendidos entre 90 e 160 decigramas. Notamos que 54 % teem valores que não excedem 180 decigramas.

Distenção : — Encontramos valores compreendidos entre o limite minimo de 5 e o maximo de 14, sendo a media de 9 milimitros. O maior numero de fibras tem distenções que não vão alem de 11 milimetros.

Amostra n.º 4

Lã preta

(Bordaleiro comum)

Comprimento : — O comprimento das fibras desta amostra varia entre o limite minimo de 52 e o maximo de 148 milimetros, tendo a media obtido o valor de 98. A maior percentagem de fibras tem valores compreendidos entre 85 e 125 milimetros. Tambem 46 % das fibras teem comprimentos cujas diferenças não excedem 15 milimetros e 45 % teem comprimentos superiores a 95 milimetros.

Diametro : — Os diametros das fibras desta amostra variam entre o limite minimo de 1,92 e o maximo de 4,02 centessimos de milimetro, com a media de 2,72. O maior numero de fibras tem diametros compreendidos entre 2,40 e 3,80. Na mesma fibra notamos diametros compreendidos entre 2,09 e 2,36 centessimos de milimetro.

Resistencia : — As resistencias variam entre o minimo de 38 e o maximo de 156, com a media de 92 decigramas. O maior numero de fibras tem valores compreendidos entre 72 e 112 decigramas. Notamos que 58 % teem valores que não excedem 105 decigramas.

Distenção : — Os valores encontrados para as fibras desta amostra ficam compreendidos entre os limites minimo de 4 e o ma-

ximo de 12, com a media de 7 milimetros. A maior percentagem tem distenções que não vão alêm de 9 milimetros.

Ficamos pois conhecendo com maior rigor as variações das caracteristicas de algumas das lãs do distrito.

Facilmente se depreende da sua apreciação que as lãs de Castelo-Branco, as dos bordaleiros comuns, podem deixar de apresentar tamanha inferioridade em relação com as lãs estrangeiras, se se cuidar da sua exploração, se se orientar o seu melhoramento de maneira que a lã tenha variações que tendam para o limite dos valores mais convenientes.

O peso dos vélos é em media: para os churros 1 a 2 kilogramas, quebrando pela lavagem 45 % a 50 %; para os feltrosos 1,5 a 2 kilogramas, quebrando pela lavagem 45 % a 50 %, e para os comuns 2,5 a 3 kilogramas quebrando pela lavagem 50 % a 60 %.

Creatopoiése:

Fracamente alimentados, indubitavelmente são fracos produtores de carne.

Nenhuma atenção merece ao criador a engorda dos animais para a venda, e por isso a carne sendo saborosa, é pouco nutritiva em virtude da sua pequena percentagem de gordura.

O seu peso varia com a variedade considerada. Assim, temos para os churros 18 a 20 kilogramas de pesa vivo, dando 10 a 12 kilogramas de peso limpo. Os feltrosos, dão de peso vivo 18 a 20 kilogramas, dando de peso limpo 10 a 14 kilogramas.

Os comuns dão de peso vivo: com um ano, 10 a 15 kilogramas; aos dois anos, 20 a 25 kilogramas; aos tres anos, 30 a 35 kilogramas, dando respetivamente de peso limpo 6 a 10, 10 a 15, 20 a 25 kilogramas.

Galactopoiése:

Na dependência da quantidáde e qualidade dos pastos, são em geral fracas produtoras de leite as ovelhas da região. No entanto, alguns rebanhos ha, principalmente da variedade comum, que podem ser considerados como médios produtores de leite.

As ovelhas dão em media por periodo de lactação 25 a 30 litros de leite. Este é utilisado unicamente no fabrico de queijo.

Procedemos á analise de alguns queijos da região cujos resultados expomos no quadro que se segue, sendo uns fabricados unicamente com leite de ovelhas e outros com este misturado ao leite de cabras.

ANALISES %

Substancias	Queijo n.º 1 (ovelha)	Queijo n.º 2 (ovelha)	Queijo n.º 3 (mestiço)	Queijo n.º 4 (mestiço)
Humidade..... ..	27,17	15,33	13.39	19,90
Gordura.....	26,31	18,41	29,20	27,12
Indece de refração Wolny-Zeiss a 25 °	49,°3	50, 6	51,°0	48,°0
Acidez expressa em c c. de soda $\frac{1}{n}$ ...	3,80	18,00	22,12	6,29
Cinzas.....	5,92	6,58	8,41	7,34
Cloretos nas cinzas	3,8	6,7	3,1	5,4

Quisemos, fasendo estas análises e apresentando os seus resultados, mostrar que um dos principais defeitos, senão o principal, dos queijos da região, é a sua pouca uniformidade. Que se torna indispensavel criar um unico tipo de queijo, cujas qualidades sejam conhecidas. Que é urgente modificar o seu modo de fabrico, para que o consumidor, comprando-o, tenha antecipadamente o conhecimento d'aquilo que compra e não lhe aconteça o que hoje acontece, pois que o queijo, mesmo que tenha a mesma proveniencia, apresenta uma tal variabilidade que impossivel se torna saber se ele satisfaz ou não o paladar do consumidor, se as suas qualidades são as requeridas por quem compra.

Copropoiése :

Numa região onde os adubos químicos chegam por alto preço, em virtude da ausencia de meios de transporte economicos e rapidos, a produção de estrume é um dos fins mais apreciados porque se conservam os arietinos neste distrito.

Com eles se estrumam grandes extensões de terreno, tornando-o assim apto a uma boa produção cerealifera.

Regimen e Exploração

São os arietinos criados quasi exclusivamente em regimen pastoril. Sómente quando uma invernia se prolonga por alguns dias, e o criador vê que os seus gados começam a morrer de frio, é que se lembra de os abrigar e isto acontece frequentemente em virtude do estado de magresa em que se encontram nesta época do ano. Não tem instalações proprias, e por isso, muito apressadamente, recolhe os seus animais no primeiro pardieiro que encontra e lhe fique mais proximo das pastagens. Com nenhum requesito hijiénico ele se preocupa, basta que no local onde guarda o seu gado não chova. Acontece muitas veses ser o recinto tão pequeno para a acomodação do numero de animais que lhe é destinado, que as pobres ovelhas dormem umas sobre as outras, acontecendo morrerem algumas durante a noite, em virtude do aperto em que são mantidas.

Em dias de nevada os animais são guardados nas mesmas condições. Mas quando a nevada é grande e cobre a terra durante três ou quatro dias, o criador vê-se na *dura necessidade* de fornecer ao seu gado uma pequena ração por dia, que é geralmente de palha de trigo ou aveia e algum feno. Na Cova da Beira, onde as nevadas são mais frequentes, já alguns abrigos existem para os arietinos.

Construidos sem atenderem ao fim a que se destinam, são na sua maioria um quadrado coberto, não de telhas, para permitir o arejamento, mas de palha de centeio e mato, que os transforma em verdadeiras estufas; pois que, o ar só lá tem acesso por uma pequena porta que ainda fecham depois dos animais recolhidos. Estes abrigos assim construidos só são utilisados nas invernias prolongadas e quando neva.

No verão, os unicos abrigos que os animais teem para passar as horas de calôr intenso, verdadeiramente tropical na região da Raia são as sombras das arvores quando estas existem. Quando estas faltam, vêmos os pobres arietinos *acarrados*, isto é, passar as horas de descanço debaixo da acção directa dos raios solares, geralmente junto das fontes.

Em tempo normal, permanecem sempre nas pastagens e dormem ao ar livre no *redil*, *bardo* ou *molhada*. O bardo é feito com cancelas, ou com uma rede de corda de junça ou esparto, presa a um numero variavel de estácas segundo o tamanho do rebanho.

O bardo toma denominações diferentes segundo a forma porque se arma e fins a que se destina; assim, chama-se *bardo* ou *redil*, quando tem a forma de um quadrado e serve para conter os rebanhos nos terrenos a estrumar; *aprisco*, quando tem a forma de um corredor e nele se ordenham as ovelhas e *tendal*, quando a sua forma é a de um quadrado ou retangulo e serve para fazer a tosquia.

Os rebanhos são constituidos por um numero muito variavel de animais.

Assim, na charneca onde em geral quando um proprietario tem muitas, tem cincoenta cabeças, estas andam sempre juntas e, muitas veses, de mistura com os caprinos, prática absolutamente condenável em virtude da diferença de naturêsa e hábitos das duas especies. Na Cova da Beira e Raia, principalmente nesta ultima, onde a propriedade está menos dividida, nós encontramos criadores possuindo 3.000 a 4.000 cabeças de gado de lã. Dividem os seus gados em diferentes rebanhos, que podem ser constituídos por 700 a 800 cabeças conforme o sexo e a edade dos animais que os formam. Vem em primeiro logar pelo seu quantitativo, o *Alavão*, (ovelhas de leite) seguindo-se-lhe o rebanho constituido por carneiros e malatos. Depois o *vasio*, isto é, o rebanho constituido pelas ovelhas alfeires, e por ultimo os borregos.

A cobrição faz-se em liberdade. Cinco ou seis sementais por cada cento de ovelhas são agrupados ao rebanho destas. Começa em principios de Julho e arrasta-se pelos dois ou tres mêses seguintes, o que faz com que os primeiros cordeiros nasçam em Dezembro e os últimos em Fevereiro.

Alguns criadores costumam apartar, após a parição, as ovelhas que com os cordeiros são apascentadas em melhores pastagens.

Cada rebanho, é guardado por um pastor ou por dois, e pelas suas respectivas ajudas conforme o numero de cabeças que o constituem. Um ou dois cães acompanham sempre o rebanho, prestando ótimos serviços principalmente na Raia, na parte compreendida entre o Tejo e o Ponsúl; pois que nesta região ainda o lobo faz freqúentes visitas á *malhada*. Alguns cães conhecemos que são os verdadeiros guardas do rebanho.

Em pastagens nas margens do Tejo que aqui são montanhosas e cobertas de matagais fechados e de grande altura, o lobo ataca o rebanho mesmo de dia, e é então que o cão presta o seu serviço, pois que o pastor em virtude do acidentado do terreno, nem sequer dá noticia do que se passa no rebanho.

Alimentação

Nenhum cultivo especial se faz neste distrito para a alimentação dos arietinos. Estes animais, vagueando por montes e váles, alimentam-se quase exclusivamente com as ervagens expontaneas que nesta região são principalmente constituidas por: Ervilhaca *(Vitia sativa L.)* servum *(Waldus stricta L.)* balancos *(Avena barbata sterilis L)* cisirão *(Lathyrus latifolius L.)* ervinha *(trigonela faenos L.)* serradela ou sernadelha *(Orithopus sativa L.)* sanfeno bravo *Onobrychis sativa L.)* nabinha (*Sinapis arsenis L.*) saramago (*Raphanis raphanistum L.*) ervinha pimenteira (*Lapidium latifolium L.*) taraxaco (*Leontondon tarraxacum L.*) margaça *Matricaria chamonilha L)* erva vaqueira *(Calendula arvensis L.)* pampilho das searas *(Crisamthemun rejetum L.)* erva coentrinha *(Dacus carota L.)* labaçol *(Ranex obtusofolius L.)* verdiselha ou corriolha *(Convolvulus arvense L.)* etc.

Depois da colheita das searas são os arietinos apascentados nos restolhos, mas só depois de estes terem sido percorridos pelos bovinos, onde se conservam até ás primeiras chuvas, que de ordinario inutilizam estas pastagens. Quando as vindimas

estão terminadas são as vinhas franqueadas a estes animais para utilizarem a parra. Apascentam-se egualmente pelas terras de pousio e alguns lameiros, depois de cortada a erva para os bovinos, demorando-se pelas alturas até certa hora do dia, emquanto as terras baixas estão orvalhadas.

No verão quando o calôr e a falta de agua tornam impossivel a vegetação das ervagens expontaneas, encontrando-se as terras despidas de qualquer vegetação, teem os pobres animais que se contentar com folhas de rosmaninho, carvalho e lentisco bastardo e algum rebento de silva, carqueja e carrasco, o que lhes basta para não morrerem de fome, e isto acontece durante os mêses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro.

Quando as aguas de Setembro faltam, as mais necessarias para que as terras *rebentem*, isto é, para que germinem as sementes nelas existentes, pois lá diz o velho rifão—«em não chovendo pelo S Mateus (21 de Setembro) guarda as ovelhas que os borregos não são teus»—os criadores costumam dar entrada aos seus rebanhos nas searas de trigo e centeio, durante umas horas do dia para que eles não morram de fome. Esta prática que se efectua durante os mêses de inverno, parece-nos prejudicial, pois vem atrazar muito o desenvolvimento das searas, porque estes animais cortam as ervas muito proximo do solo. Só em Fevereiro e mêses seguintes, quando a vegetação atinge o seu desenvolvimento, é que os arietinos conseguem adquirir o que perderam durante a longa época de escassez. Com esta alimentação, limita-se pois o crescimento dos arietinos da região aos mêses de Março, Abril, Maio e Junho.

Produção de lã

A tosquia efectua-se, geralmente, uma só vez cada ano. Sómente quando os animais são atacados por doenças de pele, como a sarna, conhecida na região pelo nome de «*ronha*», é que se tosquia mais de uma vez, em virtude de estas doenças, acarretarem a queda da lã, serem de dificil tratamento quando a lã está já num periodo adeantado do seu crescimento e tambem porque se fazem acompanhar dum grande prurido, que obriga os animais

a roçar o corpo pelos troncos das arvores e tudo o que encontram próprio, danificando muito o vélo. A tosquia anual é feita durante o mês de Maio.

Fazem-na nesta altura do ano, porque a temperatura é já muito regular e ainda porque durante este mês o calôr já se faz sentir, «*já suam no bardo*», como lá se diz, e assim, os animais transpirando, mais facilmente se dá a agregação das poeiras ao velo, tornando-o mais pesado.

A tosquia é feita com uma tesoura de eixo e de grandes remos, instrumento pouco proprio para tal fim, visto que por mais pericia que tenha o tosquiador, ele não é capaz de ter os cuidados que devem presidir a uma tosquia bem feita. Estes cuidados indispensaveis e bem simples, podem resumir se nos seguintes: 1.º—deve o tosquiador ter cuidado em não ferir o animal com as pontas da tesoura, pois que as feridas, alem de serem de dificil cicatrização prejudicam a lã da tosquia seguinte; 2.º—deve cortar-se a lã bem rente e á mesma altura, sem fazer escadas; 3.º—cortar o velo de modo que sáia inteiro e unido, para se poder enrolar bem de modo a não se perder a lã quando se transporta.

A prática ensina-nos que, com a tesoura, impossivel se torna cumprir estas simples regras, e por isso é absolutamente indispensavel que a ponhamos de parte para uzarmos umas maquinas que a industria moderna nos fornece por preços relativamente baixos, e que, com vantagem, são uzadas em todos os paises que progridem e onde a sua pecuária é olhada com carinho e cuidados.

Nestas maquinas, a lamina inferior é substituida por um pente, e a superior corta a lã por um movimento de vae-vem.

São preconizadas não só porque satisfazem ao fim a que se destinam, como tambem pela ligeireza que com elas se opera. E deve ter-se hoje em tanta consideração a economia da mão d'obra, que desnecessario se torna insistir sobre as vantagens destas maquinas de tosquiar.

Os tosquiadores são quasi sempre os mesmos para as mesmas freguesias. E' um grupo de homens a que chamam «*Camarada da tosquia*» tendo um por mestre, geralmente o mais velho, a quem obedecem. Os tosquiadores de hoje são filhos ou netos dos antecedentes, pois que é costume, quando algum morre

ou sáia da «*Camarada*», ser substituido por um parente, geralmente um filho. E assim este oficio, um dos mais lucrativos durante um mês e meio, é privativo dum determinado numero de familias. Antes da Guerra ganhava cada tosquiador $40 centavos e de comer (cinco refeições por dia). Hoje, ganham nada menos de 3$00, com o mesmo numero de refeições.

A tosquia é efectuada com o animal no chão, e ás feridas produzidas pelas tesouras é aplicado carvão vegetal, com o fim de provocar a cicatrização e impedir a infecção.

Este carvão, a que chamam «*moreno*», termo importado do país visinho, é obtido pela carbonização de lenha de pinho que reduzem a pó.

Os animais são tosquiados pela primeira vez, de 5 a 6 mêses, se bem que os borregos serodios, isto é, os que nascem em Fevereiro, são tambem tosquiados.

O velo destes animais pouco valor tem. Nascem em geral com um velo imperfeito, com uma percentagem elevada de pelos cabrios, mechas pontudas, de fibras irregulares no comprimento e diametro e quasi desprovidas de espiras, assim como de sugo. Só aproximadamente aos sete mêses a lã começa a fazer-se, isto é, só depois de efectuado o primeiro corte, tomando os caracteres definidos ao segundo, tendo ao terceiro o seu maior pezo, que se mantem ao 4.º e 5.º, começando a descair nos restantes. O velo dos borregos de 5 a 6 mêses peza 500 a 700 grs, pezo que varia com a côr da lã, sendo a lã branca mais pezada que a preta, sendo este pezo tambem influenciado pela natureza das terras em que são apresentados antes da tosquia, pois que umas, mais que outras, desprendem um pó mais fino, que mais facilmente se infiltra e agrega ao velo, tornando-o mais pesado.

Depois da tosquia os velos são enrolados em feixes, para o que se estendem dobrando depois as quatro extremidades, de maneira a dar-lhe a figura de um retangulo, enrolando-o sobre a face tosquiada e começando pelo lado da cabeça, atando o com uma porção de fibras que se tiram da cauda. E' assim que são guardados os velos em churdo, até que efectivem a sua venda. Em nosso entender, tem o criador do districto de Castelo Branco vantagens e grandes, se em lugar de pôr no mercado a sua lã em churdo, ele efectivar a sua venda depois de a desensugar.

Actualmente é o sugo ou *suarda* da lã considerado como um bom adubo para as terras, tendo já larguissima aplicação nos paizes em que as coisas agricolas e pecuarias progridem. N'um distrito em que as dificuldades para a obtenção dos adubos se acentua dia a dia, em que os seus preços são exagerados, porque não hão-de os criadores do distrito de Castelo Branco, utilisar mais este produto que os arietinos lhe podem fornecer, sem que para isso exijam novo dispendio? Além d'isto, quando as lãs têm de ser transportadas a distancias grandes, diminuia para metade a despesa do seu frete, porque a lã tem um peso de *suarda* que póde ir até 80 % e bem sabem os criadores do distrito de Castelo Branco as vias de comunicação que possuem. Como as lãs estão sujeitas ás flutuações do mercado, se ele sofresse uma baixa qualquer. as lãs com sugo sofreriam tambem uma diminuição que não seria proporcional. Serão estas razões suficientes para que os criadores passem a lavar as suas lãs?

Entendemos que sim.

Segundo Ferreira Lapa, póde classificar-se em duas categorias a lavagem das lãs; lavagem agricola ou desensugagem e a lavagem industrial.

A lavagem agricola ou desensugagem, é aquela que o criador executa em agua fria ou quente, para libertar as lãs de impurezas e corpos estranhos, que as mancham, assim como de uma parte do sugo. Póde fazer-se com a lã ainda preza ao corpo do animal ou depois de tosquiada.

No primeiro caso, (desensugagem da lã em pé), opera-se banhando os animais em agua corrente, aproveitando-se os rios ou ribeiros, ou na falta destes em presas de agua.

Encontramos este processo pouco pratico, pois requer muita prudencia, porque expõe muito o corpo do animal a resfriamentos, que põem muito em risco a sua saude e ainda porque é preciso que o animal não enxugue muito depressa para que a lã não perca as suas propriedades. Tambem esta desensugagem tem de ser feita uns dias antes da tosquia, para dar tempo a que o animal enxugue e neste intervalo tem de guardar-se o animal das poeiras e de tudo o que possa sujar-lhe a lã. Como se vê muitos cuidados requer este processo de desensugagem, que estamos convencidos o criador albicastrense não porá em prática.

No segundo caso, (desensugagem da lã tosquiada), póde operar-se com agua quente ou com agua fria. Quando se emprega a agua fria, deixa-se a lã de môlho dentro de pias, tanques, dórnas ou mesmo presas de agua, durante três ou quatro dias. Decorrido este tempo, o suficiente para a lã amolecer, esfrega-se esta á mão, podendo ser recolhida dentro de cestos onde se deita agua limpa. Logo que a agua com que se esfrega a lã saia limpa, considera-se a lã lavada.

Quando se emprega a lavagem em agua quente, pódem seguir-se dois processos, conhecidos por espanhol e francez. Diferem estes processos, porque no espanhol a lã é desde o principio tratada com agua limpa, emquanto que no francez a lã é lavada primeiramente com agua em que outras lãs já tenham sido lavadas, agua que segundo Ferreira Lapa opera como se fosse agua de sabão.

Qualquer destes processos nos parece mais dispendioso e mais trabalhoso, assim como não trazem vantagens segundo a opinião do senhor Campos Melo. Pensamos pois que o processo a seguir deverá ser a desensugagem em agua fria e feita em reservatorio onde a agua possa ser aproveitada para a adubagem das terras. A esta desensugagem tem de seguir-se a lavagem industrial, manual ou mecanica, para que as lãs possam ser fabricadas, visto que uma parte do sugo é insoluvel na agua e só quando a esta são adicionadas substancias como a benzina, a sóda caustica, o carbonáto de sódio etc., as lãs ficam em condições de não se opôrem á penetração dos mordentes das tintas e só depois de assim serem tratadas elas ficam aptas ao fabrico dos tecidos.

O comercio das lãs faz-se nêste distrito como em toda a parte do país, isto é, vendem ao primeiro comprador que aparece. Este, desconhecedor das qualidades da lã, aliás como o proprio lavrador, efectua muitas vezes compras no valor de muitos milhares de escudos verdadeiramente ás-cegas. Este processo de comercio para as lãs, que a rotina nos traz de longa data, não tem razão para prosseguir, pois que, com tal sistema, nunca o vendedor sabe se perde ou se ganha, nem tão pouco o comprador póde prever se com tal compra póde satisfazer os compromissos que tomou.

Ignoramos o motivo porque até hoje se não crearam no nosso

paiz «laboratorios em que as lãs são submetidas a provas de tenacidade, resistencia e elasticidade. em que o brilho e a finura são dados por coeficientes cujos valores são conhecidos pelos interessados, á semelhança do que se faz em França, Inglaterra-Belgica» (1) etc., tanto mais, que já antes de 1900 existia na repartição respectiva um estudo dum estabelecimento desta natureza apresentado pelo sr. Melo e Matos. E' inadiavel a organisação de um tal estabelecimento e indicado está que seja a Covilhã, o nosso primeiro centro industrial, o local onde essa organisação se faça. Aos covilhanenses, tão orgulhosos da sua terra e da sua industria, compete trabalhar com persistencia e sem desanimo, junto dos poderes publicos, afim de conseguirem um estabelecimento que inumeras vantagens lhe traria, não só a eles, como a toda a lavoura e industria portuguesa. As vendas efectuam-se geralmente em casa do proprio criador e pouco depois da tosquia.

Destina-se a lã ás fabricas do Tortozendo, Manteigas, Cebolaes, Covilhã, etc, e algumas, segundo o sr. Campos Melo, são exportadas para a Inglaterra, que as penteia e fia e nos manda depois o fio como sendo inglez. Antes da guerra vendiam os 15 kg. de lã em surdo por 4$50 a 5$00. Hoje, o preço é muito variavel, mas nestes ultimos dois anos oscilou entre 35$00 a 40$00. Isto para a lã dos bordaleiros comuns, pois que as lãs dos churros tem em regra metade do valor da dos primeiros.

Produção de carne

Nenhum cuidado especial merece ao criador albicastrense a preparação dos ovinos que manda para o matadouro. Estes animais com uma alimentação dificiente durante quasi todo o ano, só aos quatro anos possuem todos os dentes de adulto, o que os vem colocar numa condição de inferioridade extrema em comparação com aqueles que são olhados com mais cuidados e portanto em que a precocidade já faz sentir os seus efeitos.

Vendem geralmente os machos com dois anos feitos, isto é, depois da segunda tosquia. Vendem-nos castrados, operação que

(1) Melo e Matos.

se efectua no mês de março, procedendo á sua venda no fim da primavera - fim das ervas — pois que é nesta quadra do ano que os animais se encontram em melhor estado de carnes, e portanto em melhores condições para serem abatidos. As fêmeas só as vendem depois dos sete anos, isto é, quando já comem mal, dão pouco leite e peor lã. Costumavam antes da guerra vender todo o seu gado para Espanha, porque os compradores daquele país o pagavam por melhor preço.

Hoje, que a exportação está proibida, os criadores desta região teem mercado menos favoravel, porque os seus gados teem uma grande despeza de transporte, em virtude da grande falta de comunicações regulares e rapidas. A' parte o consumo local, são estes animais exportados na sua quasi totalidade para as cidades de Lisboa e Coimbra. Em epoca normal, o preço regulava para os carneiros 2$50 a 3$00 e para as ovelhas 1$50 a 2$00. Hoje, os preços são muito variaveis, mas oscilam entre 15$00 a 25$00 para os carneiros e 12$00 a 18$00 para as ovelhas.

Alguns criadores costumam vender os cordeiros que nascem em Março e depois, quando eles atingem tres semanas a um mez. São consumidos, na séde do distrito, Covilhã, Fundão e Alpedrinha.

Produção de queijo

O leite é exclusivamente empregado no fabrico de queijo. Efectuam a desmama nos fins de Fevereiro, principios de Março, havendo contudo alguns criadores que continuam a amamentar os cordeiros que tenham ha pouco nascido, visto que só efectuam a desmama quando os animais tenham atingido pelo menos 3 meses de edade. O periodo de lactação é em regra de 4 meses, pois que fazem a liquidação da queijaria pelo S. Pedro (29 de Junho) dia mais, dia menos. Em anos de boas pastagens este periodo pode ir até cinco meses. A mulsão efectua-se duas vezes cada dia. A primeira antes do rebanho sair para a pastagem e a segunda quando recolhe. O fabrico do queijo começa logo depois da desmama, e é feito, ou em casa do lavrador, quando este possue um pequeno numero de animais, ou então, no caso dos grandes

criadores, em casas feitas para tal fim no campo onde têm as suas pastagens. Estas casas a nenhuns preceitos higienicos obedecem, nem diferem doutras quaisquer, pois que muitas vezes servem tambem para durante o inverno armazenarem palhas e fenos. São em regra divididas em dois compartimentos, um onde fazem o queijo e outro onde o guardam até ser vendido.

Muitos criadores ha, que, tendo uma boa produção de leite, levam o seu desleixo ao ponto de nem estas casas possuirem, e então fazem umas casas armadas em madeira e cobertas de colmo e mato, que são as *choças* tão caracteristicas e infelizmente tão espalhadas pela nossa Beira. Os processos modernos e inteligentes de fabrico de queijo são aqui completamente desconhecidos. Faz-se hoje como se fazia ha meio seculo, ha talvez um seculo. Transportado o leite para a queijaria, é este filtrado por um pano para dentro de uma grande talha de barro vidrado onde tem lugar a coagulação. Esta é provocada pela adição de pequenos pedaços de coagulador dum cordeiro ou cabrito com alguns dias de idade a que não tenha sido administrada senão alimentação lactea, ou então, pela flôr do cardo *(Cynara Cardunculus L.)* O cardo fica de molho desde o dia anterior, sendo escorrido e pizado, adicionando-se-lhe novamente a agua da maceração. Alguns criadores usam simultaneamente os dois coalhos de que acabamos de falar, em proporções iguais. O tempo que dura a coagulação é variavel com a temperatura do dia e com a quantidade de coalho adicionada ao leite. Depois da coagulação é esta coalhada espremida dentro de chinchos, que são arcos de madeira de castanho, com duas linhas de furos, para darem saida ao soro, e são mais ou menos apertados com um cordel segundo o tamanho do queijo que se deseja. Os cinchos estão colocados sobre uma meza a que chamam *francela*. Esta meza tem um rebordo terminado por uma goteira por onde sae o soro. A compressão é feita pelas mãos do *roupeiro* ou *roupeira*, individuo encarregado do fabrico do queijo. Depois de terem sofrido a primeira compressão, são os queijos virados e comprimidos do outro lado, e por fim, quando já não desprendem quasi nenhum soro, são convenientemente alisados

Depois destas operações são salgados na face superior, com uma porção de sal variavel conforme o gosto do *roupeiro*. Dez

ou doze horas depois são mudados para uma outra francela chamada *francela de salga* e aí são salgados na outra face. No dia seguinte são transportados para pranchas de madeira, (geralmente de castanho) onde se conservam dois dias, tempo em que continua o escoamento do soro. São depois passados para camas de palha onde os conservam até ao dia da venda.

Conforme a estada lá é maior ou menor, assim estes queijos são mais ou menos vezes passados com soro ao qual se adicionou uma pequena percentagem de sal. Este processo de fabrico é o usado para os queijos *mestiços*, isto é, queijos feitos com leite de ovelha e de cabra. O processo para o fabrico dos queijos feitos unicamente com leite de ovelha pouco difere deste. Sómente o cuagulador empregado é sempre a flôr do cardo que é adicionada conjuntamente com dois punhados de sal. Durante a coagulação o reservatorio do leite é aproximado do lume e sobre os queijos durante as primeiras 24 horas são aplicados alguns pesos. Com o soro resultante do fabrico do queijo faz-se o *requeijão*.

Conforme o soro está ou não salgado assim se lhe adiciona ou não uma quantidade de agua. O soro é levado ao lume e quando está tépido deita-se-lhe uma porção de leite que foi guardado para tal fim. Conserva-se no lume até á ebulição e quando esta é atingida, deita-se-lhe um copo de agua fria, retirando-se em seguida do lume. O requeijão serve para a alimentação da gente da lavoura e empregados da queijaria, e alguns lavradores que tem as suas queijarias perto das cidades mandam lá vende-lo.

Alêm do queijo mestiço e do queijo de ovelha, tambem é fabricado um outro queijo conhecido na região por *queijo arreganhado,* caracterisado pela sua consistencia branda e de côr mais ou menos amarelada. Os queijos mestiços são conhecidos no mercado por queijos de Castelo Branco. Na região da Raia e parte da Cova da Beira, fabricam queijos tão parecidos no gosto e no aspecto com os queijos chamados da *Serra*, que não é raro vê-los nas vitrines das casas vendedoras deste artigo, em Lisboa, com o distico de *Serra da Estrela.* Do que dissemos facil é concluir que o fabrico do queijo é de todo imperfeito e primitivo. E' preciso modificar o nosso *modus faciendi*, para que possamos produzir queijos de tipos definidos, com a mesma forma, o mesmo aspecto, o mesmo gosto. Como hoje se fabrica impossivel se torna

conquistar um bom mercado para os nossos queijos, pois que eles diferem de ano para ano e no mesmo ano com a epoca em que são fabricados.

E' preciso substituir as coalheiras que hoje empregamos, sem peso nem medida, por coalheiras de força conhecida; que deixemos de operar a coagulação á temperatura do dia ou do fogo mais ou menos brando, para que a efectuemos sempre á mesma temperatura: é preciso que a quantidade de sal administrado não varie com o gosto de quem fabrica; que a queijaria não sofra variações grandes de temperatura, mas sim, que se conserve sempre a uma temperatura regular e sem oscilações, que o seu arejamento seja perfeito .. é emfim preciso que criemos tipos de queijo constantes e definidos. Para obtermos isto, muito nos póde ajudar o Estado, muito pódem conseguir as associações pecuarias. O Estado nos seus postos zootécnicos, dividamente apetrechados, deve, em beneficio da riqueza pública, proceder a experiencias necessarias para determinar as constantes dos diferentes tipos de queijo que o paladar português altamente aprecia. As associações, no seu tipo de *Sociedades cooperativas de Produtores*, no proprio interesse dos seus associados não devem esperar pela acção do *Estado providencia*, para zelar as suas proprias conveniencias impondo-se, independentemente do Estado, empregar os seus esforços no sentido de tornar uniforme dentro dos diferentes tipos de queijo denominados da *Serra*, o fabrico desses tipos. A venda efectua-se em epocas diferentes conforme se trata do queijo feito exclusivamente com leite de ovelha, ou do queijo mestiço. A venda do primeiro efectua-se durante o mez de Julho, isto é, depois de *curado*. Ao contrario, os mestiços costumam ser vendidos durante a fabricação pois que são vendidos para se efectuarem pesagens a intervalos de 15 a 20 dias. Antes da guerra tambem vendiam o queijo mestiço depois de *curado* e na mesma época do queijo de ovelha.

Vendem a intermediarios que os procuram em casa do criador. Os mercados mais concorridos por este produto dentro do distrito são: Castelo Branco, Fundão, Covilhã e Alpedrinha. O queijo mestiço, dantes vendido á duzia, custava em média 3$60 por duzia. Hoje, vendem em melhores condições para o criador, pois que pesando a intervalos de quinze dias, os queijos levam

ainda muito soro, o que os torna mais pesados. O preço por arroba (15 kg.) destes queijos tem oscilado entre 15$00 a 18$00 escudos.

No passado ano, em que a quantidade de leite foi diminuta, devido á escassez de alimentação, por causa da grande falta de chuvas, o preço aumentou muito, pois que se efectuaram vendas por 45$00 a 50$00 escudos cada 15 kg. O preço do queijo de ovelha é em regra o duplo do do mestiço. O queijo mestiço pesa em média um quilograma e o de ovelha $1^k,5$ a $1^k,800$ Cada ovelha dá leite por epoca para o fabrico de tres queijos.

Produção do estrume

Como dissemos, só em condições muito excepcionais, os animais deixam de pernoitar no campo, ao ar livre. Dormindo no bardo, são as féses depositadas pelo proprio animal no local do seu aproveitamento. O bardo é mudado todas as manhãs antes do rebanho sair para a pastagem, e algumas vezes, durante a primavéra, tambem o deslocam durante a noite. Conseguem assim, com estas mudanças sucessivas, estrumar uma grande extensão de terreno que constitue a esperança do lavrador no proximo ano cerealifero. As vantagens deste modo facil de adubação, consistem na anulação das despezas de transporte e algumas vezes o aproveitamento de pastagens proximas, vantagens estas que não compensam os inconvenientes. D'estes, o principal, sob o ponto de vista restrito da produção do estrume, encontra-se na perda de uma boa parte das féses liquidas que sofrem a evaporação.

Além deste inconveniente já de si muito importante, acarreta muitas vezes grandes prejuizos á saude do animal, conspurca e deteriora o velo, torna a lã mais grossa, dura e menos brilhante. A evaporação das féses liquidas consegue em parte atenuar-se lavrando as terras antes e depois da passagem do bardo. Estas lavouras já muitos lavradores as efectuam. Estes estrumes constituem para muitos lavradores o unico adubo que fornecem ás suas terras, pois que, atendendo á grande distancia a que estão do caminho

de ferro, e ás grandes despezas que os adubos quimicos estão sujeitos para chegarem á estação mais proxima, nem todos os lavradores estão em condições de os poderem adquirir. Atendendo a isto, muitos pequenos proprietarios que não possuem gados, dão as pastagens das suas terras em troca do estrume do rebanho durante um numero de noites préviamente combinado.

OVELHAS [redacted]
A' direita. — Variedade Churra — A' esquerda. — Variedade Comum

Melhoramento

Melhorar uma raça ou especie é deslocá-la no sentido de uma melhor adaptação dos serviços ou productos, que ela nos fornece, ao meio economico que a envolve.

Como agentes determinantes deste melhoramento indica-nos a zootecnia: os factores essenciaes e os factores complementares.

Os primeiros actuam directamente sobre o organismo animal e deles fazem parte a alimentação, os metodos de reprodução, etc. Os segundos, de ordem puramente social, exercem a sua acção, independentemente do organismo animal, estimulando e facilitando a acção dos primeiros. Nestes se contam os incentivos provenientes do Estado, as associações nas suas diversas fórmas, etc.

Em nosso entender, como factor essencial e basilar para o melhoramento dos arietinos do distrito de Castelo Branco, impõe-se o cumprimento imediato de duas simples obras de misericordia, que já em 1870 o sabio zootecnista Bernardo Lima aconselhava: *Dar de comer a quem tem fome e agasalho a quem tem frio.* Postos em pratica estes modestos mas tão nobres ensinamentos, os criadores do meu distrito, terão andado metade do caminho, que o seu provento proprio, como o seu dever para com a sociedade, lhes impõe, e facil, muito facil mesmo, lhes será chegar ao fim que desejam — melhorar os seus gados.

Será viavel a pratica destes dois preceitos? Estamos convencidos que é. E é não sómente viavel, como até facil. Esta facilidade é relativa como tudo, e tanto maior, quanto mais para o Norte do distrito, isto é, nas regiões da Cova da Beira e Raia.

Na primeira destas regiões conseguir-se-ia este desideratum

se os nossos homens de Estado não trouxessem o seu espirito unicamente preocupado com lutas politicas e partidarias e olhassem e prestassem um pouco de atenção aos grandes problemas. áqueles que contribuiriam em grande parte para livrar Portugal da miseria em que se encontra. Um destes problemas que se impõe, será a formação da bacia hidrografica do Zezere. Se isto se conseguisse ficaria certamente a Cova da Beira a região mais linda e mais rica de Portugal. Mas como infelismente os nossos governantes enfermam da doença apontada ha longos anos, pois que já em Março de 1881 o nosso saudoso professor Bernardo Lima em carta ao seu amigo A. Marques de Carvalho, proprietario-agricultor na Chamusca, escrevia «...as questões politicas, mephyticas pela maior parte, absorvem a atenção dos ministros, não lhes deixando tempo de cuidar devidamente das cousas que interessam ao desenvolvimento da riqueza nacional em que a agricultura é o mais solido pedestal» e parecem continuar indefenidamente na disposição de só á politica se dedicarem, nós temos que nos esquecer que o Estado nos pode dar auxilios valiosos e teremos que procurar outros meios que efetuaremos por nós proprios.

O caminho a seguir, atendendo á grande quantidade de ribeiros e nascentes de que é dotada esta região, será a substituição gradual das culturas existentes pela dos prados artificiais.

Ainda que á primeira vista isto pareça um contra-senso, não o é na realidade, pois que o fim a atingir é a obtenção dum maior rendimento auferido pelo criador. Com uma substituição sucessiva e gradual, estabelecendo afolhamentos, de modo que subsistindo as culturas actuaes, se fossem reservando algumas terras para a cultura dos prados e plantas forraginosas. Estas culturas ir-se-iam estendendo com regularidade, sem contudo se abandonar de todo as antigas, que satisfasem necessidades importantes na alimentação destes povos, e assim, insensivelmente, sem causar perturbações, nós teriamos alcançado o fim desejado.

Para a cultura pratense dois elementos são necessarios: agua e estrume.

A primeira existe com abundancia, o segundo algum tambem ha, pois que alguns gados já existem e com o melhoramento da alimentação em qualidade e quantidade, poderemos aumentar

muito os seus efetivos, aumentando por consequência a quantidade de estrumes.

Na região da Raia, região de transição entre a Beira e o Alemtejo, o processo a seguir deverá ser outro.

Este está infelismente na dependência de uma grande soma de capitais. Seria a formação de uma companhia que tentasse a irrigação das campinas de Idanha-a-Nova com as aguas do Ponsul. Mais dificil certamente, mas como é uma região onde abundam os grandes proprietarios, hoje grandes capitalistas, o que falta é a iniciativa. O que falta é alguem que lhes mostre com argumentos precisos, com numeros concretos que dêste emprego do seu capital, resultaria um aumento seguro e consideravel no seu rendimento e no valor da sua propriedade.

Irrigada esta vasta campina, ela continuaria a dar, mas melhoradas, as hoje já férteis colheitas de trigo e cevada, e a par delas ficaria em condições de se cultivar em boa escala os prados naturais e artificiais, tão indispensaveis para a alimentação dos gados nesta região que mesmo como está são em numero muito considerável.

Deve-se reclamar dos poderes publicos a construção de uma linha férrea que ponha em comunicação esta região com os grandes centros, para que os utensilios de lavoura lá cheguem com um preço rasoavel e para que os produtos da lavoura regional possam chegar aos centros consumidores sem a grande sobretaxa dos transportes que hoje é exagerada. A construção de uma linha férrea muito viria melhorar a lavoura desta região, pois que se aqui ainda os maquinismos modernos da agricultura não são utilisados, é porque o lavrador se lembra que, a vinte e mais leguas da estação de caminho de ferro mais proxima, sem estradas de ligação, teria dificuldades quasi invenciveis em transportar esses maquinismos para o local onde precisam de ser utilisados.

Na região da Charneca os melhoramentos a introdusir são tão numerosos e tal de naturesa, que a taréfa se nos apresenta assás dificil. Sem meios de comunicação, esquecidos de todos, isolados no meio dos seus montes, despresados até pela propria naturesa, os criadores desta região têm de dirigir a sua atenção para a cultura das forragens arboreas e arbustivas. Estas culturas não exigindo terras de grande riquesa, têm a enorme vanta-

gem da rustecidade, da fortalesa para resistir nas épocas em que falta a humidade e ha um excesso de calor e lús, podendo portanto contribuir muito para a alimentação do gado, tanto mais que, desde que são conhecidas as analises feitas por Grandeau, se sabe que o seu valor alimentar equivale ao de muitos fenos e algumas ervas. Tem o criador desta região uma maneira fácil de conseguir uma boa parte da alimentação do seu gado, se fiser substituir os improdutivos matagais que actualmente povoam as margens dos ribeiros, dos regatos, dos barrancos, secas na maior parte do ano, pelas arvores chamadas de ribeira, que ai viverão admiravelmente, sendo de facil propagação e rápido desenvolvimento.

A utilisação conveniente e racional dos arbustos espontâneos, como a giesta, o tojo, etc., á sementeira das variedades dêstes arbustos que melhor se prestam á alimentação e ao cultivo, o aproveitamento da folhagem e ramusculos do asinheiro, do sobreiro, do carvalho, do zambujeiro, etc., quando devidamente preparados e cuidados, podem tambem constituir bons elementos na alimentação dos arietinos nesta região onde ela é quasi sempre insuficiente.

*

* *

Como dissemos, com o melhoramento da alimentação melhoraria o gado já existente e poderiamos aumentar os seus efetivos. Este aumento viria com a precocidade, desenvolvida por meio da ginástica funcional do aparelho digestivo.

Com o actual sistema de exploração têm os arietinos dêste distrito redusido a quatro mêses o seu periodo de crescimento. Estes mêses são os de alimentação abundante. Melhorando esta, de maneira que ela fosse, não durante sómente quatro mêses, mas sim durante todo o ano, abundante e regular, nós veriamos os individuos, progredindo sempre, chegar mais cedo ao seu limite de crescimento. Teriamos despertado a sua aptidão precoce, que numa exploração económica é um factor muito a atender, pois que o fim é, obter o maximo de rendimento no mais

curto espaço de tempo, e a precocidade não é mais do que a chegada ao estado adulto antes do tempo normal.

Para conseguirmos êste fim, dispondo, como é indispensavel que aconteça, de uma alimentação suficiente, nós devemos bem alimentar o individuo desde a sua nascença. Devemos escolher para reprodutoras as melhores leiteiras, fornecer a estas uma alimentação abundante durante a gestação e criação, nunca apressar o periodo de aleitamento, que deve ter uma duração de 4-6 mêses, nunca mudar bruscamente do regimen lacteo para o regimen sólido, pois que, com uma alimentação sólida prematura, se desenvolvem certas partes do aparelho digestivo produsindo um aumento de volume do ventre em prejuiso do volume do peito.

Deve-se em seguida assegurar aos animais uma alimentação substancial e abundante e assim teremos posto em prática a ginástica funcional do aparelho digestivo, que nos levará o desenvolvimento do animal ao seu grau conveniente. Atingido êste desenvolvimento num periodo de tempo que pode ser metade daquêle que hoje gastamos, nós poderemos criar dois individuos no mesmo espaço de tempo em que hoje criamos um, obtendo assim um rendimento em produtos duplo daquêle que os arietinos hoje nos fornecem. Os produtos fornecidos seriam de melhor qualidade e em maior quantidade. Aumentaria a corpulência e portanto o seu pêso, a carne tornar-se-ía mais saborosa e nutritiva, o leite seria dado em maior abundancia, a lã tornar-se-ía igual, apresentando as suas fibras o mesmo diametro em todo o seu comprimento, o que agora não acontece, pois que um dos maiores defeitos das lãs actuais é precisamente aquêle que lhes causam as temporadas de fartura e miseria, que hoje suportam.

Assegurada a alimentação, simultaneamente se impõe a construção de abrigos que preservem os animais, do frio, do calor, das chuvas e das neves. Deve ser posta de parte a ideia de que o carneiro em virtude do seu revestimento de lã pode, perfeitamente e sempre, viver ao ar livre.

A construção de ovis, suficientemente espaçosos, com bastante ar e bastante luz, torna-se urgente e indispensavel.

A sua disposição deve ser leste-oeste para que a sua temperatura seja suave no inverno e fresca no verão, entre os limites de 12.º-15.º aquela em que a respiração se fáz com maior

regularidade. Está calculado por cabeça uma superficie de um a dois metros quadrados segundo a corpulencia do individuo. De acordo com a opinião do Sr. Almeida Figueiredo, na Beira, a construção mais conveniente deve ser a seguinte: «imagine-se um alpendre ou telheiro, sustentado por colunas de pedra ou alvenaria, de ferro, ou mesmo de madeira, colocadas a espaço a espaço, sendo os intervalos entre estas preenchidos até á altura de 1,^{m}50 pouco mais ou menos, por uma parede de alvenaria que circunscreva completamente o espaço do alpendre e na qual estão praticadas as portas que dão serventia para o interior. Do alto da parede até á beira do telhado, fica um espaço amplo, completamente aberto em volta do curral, por onde circula livremente o ar. Estas aberturas podem ser fechadas com esteiras sempre que o sol, a chuva ou os ventos, a isso obriguem.

Interiormente as mangedouras devem dispor-se em linhas paralelas e a uma altura conveniente.

Conseguido o aperfeiçoamento da alimentação e habitação, um outro factor de melhoramentos se nos apresenta e que deve ser posto em pratica primeiro que qualquer outro: a *Selecção*.

A selecção é o metodo que consiste em fazer reprodusir entre si, individuos da mesma raça com o fim de aperfeiçoar ou de conservar as suas qualidades.

A selecção pode ser *natural* ou *artificial*, segundo se fáz ou não sob a intervenção do homem. A selecção artificial pode ser *inconsciente*, *empirica e metódica* e esta ultima pode ser ainda *conservadora* ou *progressiva*.

E' a selecção metodica progressiva que o criador do distrito de Castelo-Branco deverá seguir. Ainda que não provoque o aparecimento de caracteres novos, emprega-se quando se deseja deslocar uma raça no sentido do seu aperfeiçoamento.

Este processo de melhoramento é sem duvida o mais moroso, mas em compensação é o mais económico e de resultados mais seguros. A sua aplicação exige, primeiro que tudo, que o criador conheça o tipo de animais que lhe serão mais vantajosos na sua exploração. Precisa deslocar sempre no mesmo sentido o seu aperfeiçoamento; precisa estabelecer préviamente um plano que obedeça a um critério scientifico e do qual possa obter bons resultados.

Deverá escolher para reprodutores aquêles animais que tiverem melhor conformação, a lã de melhor qualidade, e não esquecer nunca que deverá preferir sempre as fêmeas melhor leiteiras, eliminando da procreação os animais defeituosos e mal conformados.

Só depois de uma selecção consciente e persistente, depois de terem os seus gados muito melhorados, depois de os seus rebanhos possuirem uma grande uniformidade, é que o criador poderá utilisar um outro metodo de reprodução —*Cruzamento,*— não pondo nunca de parte o importante preceito zootécnico de que não se podem obter bons produtos cruzando as nossas raças grosseiras, com as raças apuradas, sem que préviamente as tenhamos melhorado.

O *cruzamento* consiste na reprodução entre individuos de raças diferentes, cujo fim principal é a introdução rápida das qualidades de uma raça numa outra que as não possue, ou que as possue em grau pouco elevado.

Tratando-se da introdução de uma raça nova, é absolutamente indispensavel que a essa raça nós possamos oferecer as condições de alimentação e higiene, que tinha no seu país de origem, para que possamos sustentar-lhe os caracteres que fizeram dela uma raça nobre, caracteres que precisamos utilisar.

Se a isto não atendermos primeiramente, nós veremos degenerar continuamente essa raça melhoradora e tornar-se, dentre em pouco, igual ou pior do que a que possuiamos e pretendiamos melhorar.

E' uso, sempre que se trata da introdução de uma raça melhoradora, aconselhar, melhor o pior, qual dêva ser essa raça. E' uma árdua taréfa, que precisa de uma soma de conhecimentos que não possuimos e que só uma longa prática nos pode fornecer. Entretanto diremos que, antes que a nossa escolha incida sobre qualquer raça nobre, devemos fazer o estudo das nossas, medir o comprimento, largura e altura dos nossos animais, e destas medições obtemos a noção da sua corpulencia expressa pelas médias dos números com elas obtidos, analisar os nossos produtos, compara-los com os das raças estrangeiras, para no fim escolhermos aquela que maiores analogias e afenidades tiver com a nossa. Fazer o contrário disto, afigura-se-nos um êrro, que

pode ter consequencias funestas, como aconteceu nas propriedades daquele que foi digno e mui ilustre Par do Reino Ex.mo Senhor Váz Preto, que praticando o cruzamento com o south-down, devido á muita corpulencia dêste em relação com a pequenez das nossas ovelhas, foi tal o número de partos distóxicos, que o rebanho ficou diminuido de uma grande parte.

Estes estudos e experiências deverão ser feitos nos postos zootécnicos e escolas agricolas regionais, para o que é indispensável a criação destes estabelecimentos no distrito de Castelo-Branco.

Intervenção do Estado—Associações e Concursos

A intervenção do Estado no melhoramento da pecuária distrital deve em nosso entender, incidir sôbre um factor que pela sua máxima importância, tem na sua dependência todos os outros métodos de melhoramento.

Esse factor é o da *Instrução*.

Se a nossa pecuária se encontra infelizmente num tão lamentavel estado de atraso, é porque o criador português não sabe ler e os poucos que o sabem não lêem, porque desconfiam dos conselhos que a sciencia lhes dá.

Como combater êstes dois males ?

O primeiro, desenvolvendo a instrução, a instrução agricola no seu ramo pecuário, alargando o quadro das Escolas Moveis Agricolas, levando ao mais humilde filho de Portugal o conhecimento dos bons metodos zootécnicos. O segundo, criando postos zootécnicos, criando-os e dotando-os convenientemente, para que neles se possam faser as experiencias necessarias, se faça a criação dos animais como manda a zootécnia, se fabriquem os produtos debaixo das leis da economia e da higiene onde o criador possa verificar quanto tem a ganhar seguindo os novos processos da criação do gado e deixando de vez a rotina que se torna tão prejudicial.

Só depois de providos os criadores dos indispensáveis conhecimentos agricolo-pecuários, se poderá interessá-los no desenvolvimento do *associativismo* em qualquer das suas modalidades. O associativismo, em qualquer dos seus ramos, implica uma compreensão mútua de deveres, e o esforço comum para

um dado fim. Este facto não poderá realisar-se emquanto não se der ao criador a instrução suficiente.

Que importa que se criem Associações se são de nenhuma valía os seus membros? Como poderá a soma de tantas ignorâncias, formar um elemento consciente? Eis porque nós entendemos que o Estado deve fazer incidir a sua acção benéfica na nossa pecuária, instruindo o lavrador, fazendo dêle uma verdadeira unidade consciente, para que possamos obter um conjunto armónico, trabalhando para o mesmo fim. Só depois disso o associativismo poderá prestar os altos serviços que lhe estão reservados.

E o mesmo sucederá com todos os outros métodos de melhoramento de que temos falado.

De um outro poderoso factor auxiliar de melhoramento e formação de raças, falaremos ainda - os *Concursos*.

São sem duvida elementos valiosos e estimulantes do melhoramento, sendo tambem um processo de ensino prático, pois que exibindo-se simultaneamente varios animais da mesma especie é fácil o seu estudo comparativo.

Para que os concursos tenham a eficácia desejada, é necessario que a sua organisação satisfaça os requesitos para que foram criados. Lembramo-nos sómente de um concurso efectuado no distrito de Castelo-Branco, em 1921, na vila do Fundão, durante a chamada *Semana Agricola do Fundão*.

Pouco valor este concurso teve em virtude da sua má organisação.

Os criadores não encontraram no local do concurso, recintos para o alojamento dos animais, na alimentação nem se pensou, assim como o metodo de classificação foi o mais empirico possivel, pois que dependia dos gostos e inclinações dos membros do juri do concurso.

Era de uma grande conveniencia que este concurso se efetuasse anualmente, mas organisado por forma a que servisse de bàse á classificação dos animais, o metodo dos pontos e não o exame superficial como se usou, pelas razões que será inutil encarecer.

Para a classificação pelo metodo dos pontos, apresentamos duas tabelas, uma para machos, que serão apreciados pelas vocações creatopoiética e eriopoiética, e outra para femeas, em que

além destas aptidões, atender-se-á tambem á aptidão galacto fôra pela importancia que o leite representa. não só no desenvolvimento dos animais novos, mas ainda na industria queijeira já muito importante neste distrito, e susceptivel de se aperfeiçoar e aumentar.

Machos

Ant-scriptum —Eliminação dos individuos velhos e magros.

Considerandos	Coéficientes	Valores 0 a 20	Pontos obtidos
Conformação	2		
Desenvolvimento geral (Precocidade)	1		
Caracteres do velo: Atochado, Comprimento, Limpeza	0,75		
Caracteres da fevera: Diametro, Elasticidade, Resistencia	0,5		
Estensão do velo	0,25		
Homogeneidade do velo	0,25		
Abundancia e qualidade do sugo	0,25		

Fêmeas

Ant-scriptum—Eliminação dos individuos velhos e magros.

Considerandos	Coéficientes	Valores 0 a 20	Pontos obtidos
Conformação.....	1		
Desenvolvimento geral (Precocidade	0,75		
Úbere; forma e dimensões....	2		
Homogeneidade do velo.....	0,25		
Caracteres de velo: Atochado..... / Comprimento..... / Limpeza.....	0,5		
Caracteres da fevera: Diametro ..... / Elasticidade..... / Resistencia.....	0,5		

Era de toda a conveniencia que o concurso se efectuasse na época da tosquia, para que os animais fossem tosquiados na ocasião do concurso, pois que assim poder-se-ia com a pesagem dos velos, apreciar mais rigorosamente o valor da função eriopoiética, como tambem a apreciação da comformação seria mais facil e rigorosa.

Conclusões

I

O distrito de Castelo-Branco possue as condições naturaes necessarias e indispensaveis para a exploração economica dos arietinos.

II

Das especies pecuárias exploradas no distrito, é sem duvida o gado lanigero o que dá maior rendimento.

III

Para se proceder ao melhoramento dos arietinos do distrito, torna-se essencial e fundamental melhorar a sua alimentação, desenvolver por consequencia a cultura forraginosa.

IV

A selécção é o metodo de reprodução que reputamos preferivel para os arietinos do distrito.

Bibliografia

P. Dechambre—Zootecnie génèrale.
A. Sanson—Traité de Zootecnie.
Dr. Miranda do Vale—Bovideos Portugueses.
Dr. Paula Nogueira — Le Portugal au point de veu agricole.
Diffloth—Moutons, chévres, porcs.
M. Escadon—Ovejas y cabras.
Dr. O. Kellner—Principes fundamentaux de l'alimentation du betail.
Celedonio Rodrigañez—Pastos arboreos.
Felipe de Figueiredo—A Terra.
Campos Melo—Lans e lanificios.
Ferreira Lapa—Tecnologia agricola.
J. H. Magne—Races ovines.
J. Ginieis—La conaissance du betail.
B. Ramires—Leitaria moderna.
M. Bragança—Os ovinos em Portugal.
A. O. Benion—Traité complet de l'elevage du mouton.
Recenseamento Geral de Gados de 1870.
M. Alcan—Traité du travail des laines.
Mendes Junior—Lans.